

*Dom Sebastião,
Rei de Portugal*

in

MENSAGEM

de

FERNANDO PESSOA

Louco, sim, louco, porque quis grandeza
Qual a Sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Por isso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que há.

Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nela ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?

Prefácio

Prefaciando uma obra literária – e sobretudo poética – redigida sob o signo axial e a essência temática da Espiritualidade Lusa e da Tradição Sebástica, como este *Hinário ao Rei Encoberto – 17 Trovas Sebastianistas*, constitui sempre um desafio de descoberta interior e um exercício de auto-superação regenerante.

Tal estímulo singular é particularmente surpreendente e penhorante quando se trata – como aqui – de um texto de um autor estrangeiro, como Rémi Boyer – nascido francês há 54 anos, mas naturalizado português pelo coração há 15 –, e já contando com prévias abordagens editadas entre nós neste mesmo âmbito específico da Lusitanidade, entre outros da iniciação consciencial e do simbolismo hermético.

Aqui concretamente, este poético hinário épico de trovas lusíadas e cantos sebásticos surge-nos composto de 17 evocações – exprimindo assim o cômputo do seu conjunto total o arcânico algoritmo



Hino ao Anjo de Portugal

Ó Anjo de Portugal
Tu, Custódio dos mistérios lusitanos
Que com teu dedo indicas
Quem a eles pode aceder
Quem deles deve ser afastado

Tu que velas sobre o Tejo do Espírito
Que lhe regulas o curso e leito
Que te elevas muito acima
Dos comércios humanos
Que manténs inacessível a taça sagrada

Tu, guardião único do Porto do Graal
Guia-nos pelo nevoeiro da madrugada
Até ao vasto e luminoso cais
Onde acostará a nau do Rei duas vezes nascido



Hino ao Dragão de Portugal

Tu, Dragão original e derradeiro
Tu, Dragão mutável
Ora cintilante no meio do céu volúvel
Ora invisível no fundo do negro abismo

Que permaneces, porém
Eterno no presente instante

Tu que fazes tremer a terra plácida
Para reavivares as consciências esbatidas

Que outrora flutuavas sobre o estandarte
Ao lado dos cinco escudetes de azur
E dos sete castelos de ouro
Que animas a esfera armilar
Desde o alvor dos tempos



Hino aos Amigos do Encoberto

*Dedicado ao Alexandre, Alice, António, Carlos,
Daniel, Francisco, Helle, Jean-Louis, João,
João Luís, Jorge, José, Manuel, Luísa,
Maria Luísa, Sofia, Sylvie,
Vera e aos outros...*

Vós, minhas irmãs sebastianistas
Vós, meus irmãos sebastianistas
Que haveis encontrado o Desejado
Na complexidade humana
Como na simplicidade divina
Que manifestais a Ordem sebastianista
Nas vossas obras respectivas
Pedacos da Grande Obra celeste
Inspirações do povo livre que está próximo



Nota Introdutória

O Sebastianismo, veículo do mito fundador do Rei Encoberto, é um dos três pilares, com o mito do Quinto Império e o Culto do Espírito Santo, de uma Tradição portuguesa tão misteriosa quanto fascinante, tradição cuja operatividade passa pela poesia, sendo esta, por essência, profética.

Se os investigadores franceses puderam abordar o Sebastianismo através, nomeadamente, das obras de André Coyné, Lima de Freitas, Gilbert Durand, assim como Dominique de Roux, e também, obviamente, com as traduções das obras de Fernando Pessoa, esta corrente continua ainda muito mal conhecida em razão do seu aspecto multidimensional e do seu carácter necessariamente inapreensível. O Sebastianismo pode, com efeito, ser entendido – esta lista não sendo exaustiva – como uma geopolítica sagrada; uma psicologia das profundezas particularmente original; um mitologismo gerador de mudança para o indivíduo, para Portugal e, por fim, para o mundo; a revelação de uma Missão lusa;



No Rasto d'El-Rei Dom Sebastião

*Os homens são poemas ditados pelo seu destino,
entre eles existem versos livres e versos encadeados.*

ABÛ ALLÂH AL MA'RRÎ

Adorado, admirado, adulado, maltratado, vilipendiado, odiado, tais são os sentimentos que emergem quando nos debruçamos sobre a figura do 16.º Rei de Portugal, D. Sebastião. De facto, não há nenhum monarca na história portuguesa que ao longo dos séculos tenha feito correr tanta tinta, servido de inspiração a tantos artistas, causado tantas polémicas, suscitado as mais variadas paixões, os mais desvairados ódios, as mais doces, sublimes e arrojadas esperanças que o Desejado.

E se é verdade que o fascínio que exerceu e que exerce se mantém e o mantém vivo no imaginário colectivo, não é menos verdade que tal se ficou a dever ao choque brutal de um povo que viu desaparecer o seu Rei e a sua independência no areal de Alcácer-Quibir no dia 4 de Agosto de 1578, e que se

